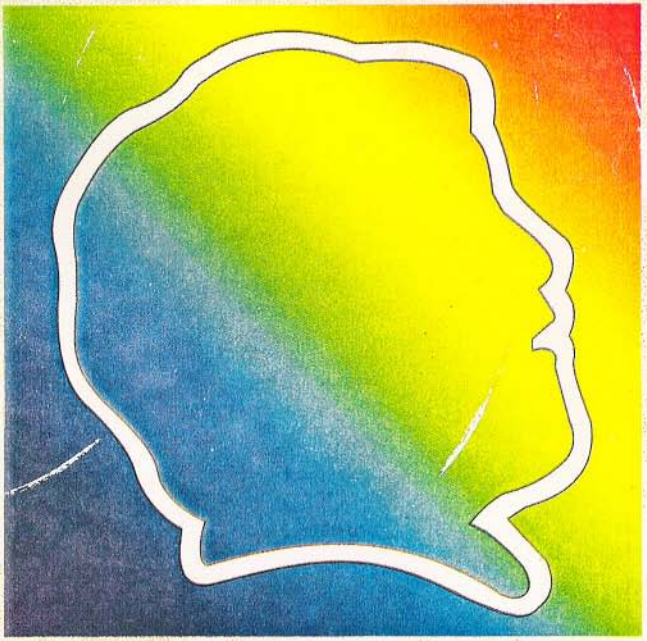
UNIVERSIDADE
SÃO FRANCISCO
PRÓ-REITORIA COMUNITÁRIA
CÂMPUS DE SÃO PAULO

PROJETO SÃO FRANCISCO

FAZENDA DA ESPERANÇA

Guaratinguetá (SP) - 5 a 19 de julho de 1997



Um retorno à vida

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

PROJETO SÃO FRANCISCO
FAZENDA DA ESPERANÇA

(Estágio realizado na Fazenda da Esperança, Guaratinguetá (SP), pelos acadêmicos da Universidade São Francisco, câmpus de São Paulo, entre os dias 5 e 19 de julho de 1997)

São Paulo
31 de agosto de 1997

"...uma fé a toda prova: filha, tua fé te salvou. (Mc5,34)"

ÍNDICE

1. AGRADECIMENTOS

2. APRESENTAÇÃO

3. INTRODUÇÃO

4. A PREPARAÇÃO 11

5. O ESTÁGIO 12

5.1. A VIDA NA FAZENDA ESPERANÇA 12

5.2. OS INTERNOS E AS INTERNAS 15

5.3. A CONVIVÊNCIA DAS ESTAGIÁRIAS 16

6. CONSIDERAÇÕES GERAIS DOS ESTAGIÁRIOS 18

7. CONCLUSÕES 21

8. ANEXOS

8.1. PROJETO SÃO FRANCISCO 25

8.2. CRONOGRAMA 29

8.3. ENTREVISTA: A FAZENDA ESPERANÇA 31

8.4. FRANCISCO DE ASSIS E OS EXCLUÍDOS 39

8.5. ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO 49

1. AGRADECIMENTOS

A Deus , uno e trino, que abençoa todos os seus filhos;

à Pró-Reitoria Comunitária, em especial na pessoa de Frei Gilberto Gonçalves Garcia, OFM, idealizador e assessor deste Projeto, que com seu despojamento a serviço da comunidade acadêmica, teve a sabedoria e a graça de abrir espaço no meio universitário para projetos como este;

ao amigo Miguel A. Padberg Icassati que, muito embora tenha permanecido no câmpus, deu importante contribuição no suporte do projeto;

de maneira bastante carinhosa, ao Prof. Augusto Fiedler que muito nos ajudou na preparação do grupo, dando a todos importante contribuição na formação psicológica;

aos funcionários da USF/SP, Cláudio José de Oliveira e Célio Angélico da Silva, que, muito embora estivessem a serviço, souberam colocar-se à disposição de maneira muito singela, "entrando" no espírito do projeto;

à colega Rusicley Guimarães pela sua colaboração na revisão deste relatório;

ao Frei Hans Stapel, OFM e ao jovem Nelson Giovanelli R. dos Santos, responsáveis pela Fazenda Esperança, e que, muito embora estivessem em viajem durante o projeto, desde o início abriram as portas, aceitando e apoiando a proposta deste projeto;

às coordenadoras do Centro Feminino, Iracy da Silva Leite e Ildamar M. de Carvalho, que recepcionaram nosso grupo e durante a realização de todo o projeto estiveram sempre presentes nos orientando. Segue igual apreço aos jovens Gilson e Domingos, do Centro Masculino;

e, finalmente, aos internos e internas, bem como aos voluntários da Fazenda Esperança, que muito bem nos receberam e consentiram em conviver com o grupo por alguns dias, tudo compartilhando, aprendendo e ensinando.

2. APRESENTAÇÃO

O Projeto São Francisco - Fazenda Esperança é um trabalho da Pró-Reitoria Comunitária, da Universidade São Francisco, câmpus de São Paulo.

Pensado e idealizado por Frei Gilberto Garcia, OFM, o projeto incorporou-se às atividades comunitárias a serem desenvolvidas com os estudantes, com o objetivo de proporcionar uma integração maior dos mesmos entre si e destes com a Universidade.

Deste modo, este projeto visou proporcionar aos alunos a oportunidade de uma experiência maior, mais comprometedora, em um meio onde a valorização da vida e da pessoa humana são condições essenciais e determinantes para a realização plena da vida.

Isto porque trata-se, em sua maioria, de jovens que estavam mergulhados no mundo das drogas, sem perspectivas, tentando muitas vezes resolver seus próprios problemas ou fugindo deles. Estavam em condições de flagrante desprezo pela sociedade, não sendo mais considerados como "aptos" para viver num meio social "sadio". Perdição, desilusão, desencontros, falta de perspectivas, fuga ..., eram as definições mais diversas que dos internos se ouviam quando nos falavam de suas vidas no mundo. A marginalidade era sua companheira de caminhada, que os induzia, muitas vezes, ao mundo do crime.

E a sociedade, de uma maneira geral, evita qualquer discussão a esse respeito. A marginalidade apenas deve ser combatida e penalizada. Mas, a universidade quer pensar diferente, ao menos, entender que a marginalidade pode ser mudada, pode ser convertida. O Projeto São Francisco é uma parte disto, pois ele foi atrás daquelas pessoas consideradas impróprias ao convívio, daquelas pessoas de que todos evitam falar, comentar, ajudar...

Procurou-se resgatar aquilo que o ser humano tem de melhor, a vida, a vontade de viver, a esperança de que ainda se é alguém capaz de amar e viver. A Fazenda Esperança tem isso para mostrar: pessoas que buscam a vida que fora perdida nas drogas.

Neste intuito, os universitários da Universidade São Francisco foram conhecer de perto essa realidade de vida. Essa proposta de ressuscitar para a vida. O sentido da vida redescoberto na vivência em comunidade, no trabalho comunitário e no anúncio no Evangelho.

Com certeza, este relatório que se apresenta conta um pouco disso. Da vida na Fazenda Esperança e da experiência dos alunos, mas, sobretudo, da vida que brota daqueles jovens, em sua maioria, cheios de vontade de viver, resgatando a sua história e a esperança de serem felizes. Então, começamos a entender porque aquele lugar se chama Fazenda da Esperança...

Evandro Luís Amaral Ribeiro
Coordenador do Projeto

3. INTRODUÇÃO

Para aqueles que ainda não conhecem a Fazenda da Esperança, sua proposta e metodologia de trabalho, caberia um pequeno esclarecimento para que melhor se pudesse compreendê-la, bem como este projeto lá realizado.

Localizada em Guaratinguetá (SP), a Fazenda Esperança desenvolve o seu trabalho totalmente voltada para a recuperação de toxicômanos e alcoólatras. Dividida em dois grandes centros, masculino e feminino, atende os dependentes de quase todo o território nacional.

Trabalham especificamente no campo, tanto na agricultura como na pecuária. Vivem sob o cuidado de Frei Hans Stapel, padre franciscano, que dirige a Fazenda Esperança juntamente com Nelson Giovanelli Rosendo dos Santos. A espiritualidade de Chiara Lubich, do Movimento dos Focolares, está sempre presente e é a base da recuperação: a substituição das drogas pela oração e a fé em Deus libertador.

O período de recuperação dura apenas um ano, no qual, os internos ou as internas, trabalham, rezam e ajudam-se mutuamente no fortalecimento da fé e na conversão dos antigos hábitos.

Uma vez tendo sido aceitos para ingressar na Fazenda da Esperança, depois de passarem por um rigoroso processo seletivo (pois muitos são os candidatos a cada mês), são encaminhados para a casa de triagem, como chamam. Assim, os homens vão para uma parte da fazenda localizada no bairro das Pedrinhas e as mulheres para os Pilões. Nesses lugares eles permanecem por três meses. Esse período é o mais difícil, pois ao deixarem um ritmo de vida mergulhado no vício e na dependência, agora passam a ter que trabalhar, rezar e viver sem qualquer uso de droga ou álcool.

Após esse período, os homens são encaminhados ao Centro Masculino, onde trabalharão na carpintaria, na fábrica de produção de água sanitária ou na criação de animais. Desta produção eles tiram grande parte do seu próprio sustento. Tudo é desenvolvido sempre em comunidade.

As mulheres dirigem-se ao Centro Feminino onde também desenvolvem um trabalho para o próprio sustento, como artesanato, crochê ou outro trabalho manual. Nesse lugar, há três casas independentes entre si, onde as internas estão distribuídas.

Nesta fase da recuperação, os internos e as internas poderão optar por uma formação espiritual mais profunda, bastando para tal ter que freqüentar a Casa de Formação. No caso dos homens, essa formação é realizada no próprio Centro Masculino. Já as mulheres encaminham-se para a cidade de Lagoinha (próxima a Taubaté).

Completado um ano de internação, os internos e as internas são liberados, sempre em clima de muita festa, o que acaba servindo de encorajamento para os demais, pois a espera pela sua vez causa certa ansiedade.

Assim, em linhas gerais, se dá todo o processo de recuperação na Fazenda Esperança. O dia-a-dia é bem mais complexo. A vivência lá dentro bem mais empolgante, principalmente quando se pode ter um contato maior..., então deixamos que este relatório fale por ele mesmo.

PROJETO SÃO FRANCISCO

Fazenda da Esperança

4. A PREPARAÇÃO

Tendo a Pró-Reitoria Comunitária (PRC) pensado, programado e planejado todo o Projeto, a mesma montou um painel na Universidade, de modo a divulgá-lo, abrindo imediatamente as inscrições. O processo de inscrição e seleção dos alunos para compor o grupo de estagiários durou conforme o previsto: 1 semana. As vagas foram limitadas inicialmente para 10 alunos. Inscreveram-se 17, sendo 2 homens e 15 mulheres. À posteriori, a Pró-Reitoria Comunitária, em função da demanda, ampliou as vagas para 13 pessoas, que distribuíram-se da seguinte maneira:

GRUPO	PERÍODO	PARTICIPANTES	CURSO
I	INTEGRAL	Evandro Luís Amaral Ribeiro	Direito
		Silvia Cristina Ribeiro Camargo	Serviço Social
		Lilian S. Galvão	Psicologia
		Grazielle Barbosa Valença	Psicologia
		Milma Maria Rubem	Coral USF
		Carmen Regina Carvalho	Direito
II	1 SEMANA	Sayonara Araújo Lopes	Psicologia
		Márcia Souza de Matos	Psicologia
		Cláudia Álvares Toscano	Psicologia
		Viviane Rodrigues Mestre	Direito
III	FIM DE SEMANA	Lidiane Carmo de Oliveira	Psicologia
		Filomena Ferreira Lima	Serviço Social
		Dilene Nogueira Santos	Psicologia

Em seguida, durante o mês de junho, o grupo foi devidamente preparado, sob a coordenação de Evandro. Esta preparação iniciou-se com a apresentação da proposta do projeto (anexo 1), seguido do cronograma do estágio (anexo 2). Para um estudo mais aprofundado, utilizou-se um texto que traz uma entrevista sobre a Fazenda Esperança, de autoria do Frei Eliseu e publicado pela revista "O Mensageiro de Santo Antonio", de

Portugal e um texto complementar com o título "Francisco de Assis e os Excluídos", do Frei Prudente Nery, OFMCap., da coletânea não-canônica de aforismos e parábolas: *Evangelium Thomae Copticum*. Estes textos se encontram no Anexo 3 e 4 respectivamente.

Também foi passada ao grupo uma série de informações, como forma de uma preparação imediata para o convívio com as internas. Participou neste período de preparação o Prof. Augusto Fiedler, contribuindo para um suporte na formação psicológica do grupo.

As atividades foram programadas para serem realizadas durante 15 dias, no período entre os dias 5 e 19 de julho de 1997.

Infelizmente, nem todos do grupo puderam permancer durante todo o período, por motivo de trabalho. Assim, dividiu-se o grupo conforme a disponibilidade de cada um, como se depreende da observação da tabela acima.

Com as reuniões semanais de preparação, o grupo conseguiu criar uma boa convivência e amizade entre si, o que contribuiu muito para que se compreendesse com maior propriedade e sensibilidade a questão da dependência toxicômana, e da pessoa nela envolvida, como demonstrou o Prof. Augusto e, além disso, para que o grupo pudesse se manter sempre coeso durante a execução do projeto.

5. O ESTÁGIO

5.1. A vida na Fazenda Esperança

Ao iniciar o processo de recuperação, as internas são encaminhadas à casa dos Pilões, um lugar mais afastado da cidade e do Centro Feminino. Lá é feito o estágio inicial das internas, por 3 meses, não podendo sequer sair ou receber visitas. Um detalhe interessante é o fato de a coordenadora dessa casa ser uma ex-viciada em drogas, recuperada na Fazenda Esperança.

No início do Estágio havia duas casas, sendo que as internas não podiam se comunicar. Logo depois as casas foram unificadas para se iniciar uma nova triagem.

A idade das internas nessa casa variava entre 14 e 48 anos, praticamente quase todas vindas de São Paulo, do litoral e do interior paulista.

As tarefas da casa eram divididas e a cada semana havia um rodízio, de modo que uma interna ficasse responsável pela cozinha, outra pela limpeza da casa e as demais executassem o trabalho na terra.

A rotina diária começava com o café da manhã, seguido pela oração e momento de reflexão sobre um texto bíblico, de onde se escolhia uma palavra para refletir e viver durante o restante do dia. Após a oração cada uma se dirigia a seu respectivo trabalho, que também

se estendia pela tarde. À noite, havia uma nova reunião para partilhar a vivência da palavra, e por fim, logo chegava o horário de dormir.

Nos finais de semana, não havia trabalho no campo, apenas na cozinha. O tempo era gasto com brincadeiras, com um eventual passeio pela montanha e com as brincadeiras no rio.

Apesar de sempre acontecerem algumas "briguinhas domésticas" entre as internas, o clima majoritário era de união entre todas.

O Centro Feminino distingue-se apenas nas atividades desenvolvidas, mas o rigor da observância do horário e da disciplina é mesmo. O dia começa com o oferecimento do terço feito por cada participante. Após terem rezado, fazem a leitura do Evangelho do dia e partilham a palavra. Sempre há música e cantos com o violão.

A manifestação da fé é sempre muito pessoal e particular. Isto se percebe claramente nas orações, onde as internas sempre têm a oportunidade de falar espontaneamente. Há aquelas que demonstram uma grande fé e convicção de que só através de Jesus Cristo podem se livrar dos maus vícios, outras porém, parecem ainda terem uma grande caminhada para amadurecer a fé. Mas, o que se percebe é que todas se esforçam para uma caminhada cristã.

As internas começam e terminam o dia com oração e cantos. A oração é fundamental, pois é o instrumento inprescindível para se chegar à Casa de Formação (estágio final por todas esperado), ou seja, um passo ao retorno à própria casa, após o ano completado.

E são consideradas verdadeiramente vitoriosas aquelas que conseguem chegar à Casa de Formação, por isso precisam desenvolver uma espiritualidade muito intensa, segundo o sentido da espiritualidade do Movimento dos Focolares, cujos pontos fortes são: partilha do dia, confissão de almas, pacto (dar a vida pelo outro), colóquio e hora da verdade.

No Centro Masculino a realidade não é outra. Acordam cedo, rezam o terço, lêem o evangelho, de onde tiram a palavra do dia, tomam o café e às 8h já estão no trabalho. Como tivemos apenas um estagiário nesse lugar, o mesmo ficou na casa Santo Agostinho, responsável pela produção da água sanitária.

As outras casas do Centro Masculino fabricam a garrafa para a água sanitária e fazem serviços de carpintaria, além da criação de animais de pequeno e médio porte, como coelhos e porcos.

O serviço de faxina em cada casa é executado por todos, na forma de um rodízio. Cada casa, do Centro Feminino, possui a sua própria cozinha. Já o Centro Masculino possui uma cozinha central, de onde os alimentos são distribuídos para as casas. Há também um rodízio entre os internos de cada casa para trabalharem na cozinha central.

Além da oração diária pela manhã, às quartas-feiras os internos fazem a troca de experiências e aos sábados, a comunhão de almas, da qual pode o estigiário participar e compartilhar suas vivências mais profundas. Todos os dias, após o trabalho, os internos jogam bola no campo. Também há uma academia de condicionamento físico à disposição

para os interessados. Essa recreação vai até o entardecer quando todos se preparam para o culto ou missa. Normalmente há a missa com Frei Hans. Na ausência deste, algum dos coordenadores celebra a Liturgia da Palavra, como foi o caso neste período do estágio, pois Frei Hans estava em viagem ao exterior.

O trabalho é indispensável como atividade em toda a Fazenda, mas diferencia-se dependendo do lugar em que está o interno ou a interna. Por exemplo, nos Pilões, o trabalho é mais braçal, ficando as internas trabalhando no campo durante o dia. O mesmo acontece atualmente na Casa de Formação, em Lagoinha, que por tratar-se de uma casa nova, a mesma ainda precisa de muitos cuidados neste sentido, daí o trabalho ser mais braçal.

Já no Centro Feminino, o trabalho é mais manual, ou seja, trabalham com papel machê, com bordado ou crochê, além de produzirem caixinhas para presente, bonecas artesanais etc, entre outros produtos que integram uma cesta que elas mesmas preparam para serem vendidas, de onde retiram o seu subsídio econômico. Há um rodízio em tudo, pois quem fica na cozinha não trabalha na roça e nem no bordado e assim sucessivamente.

O trabalho na roça é sempre muito cansativo, chegando-se a ficar com as mãos calejadas, o que, mesmo assim, não autoriza a dispensa da atividade. Ao mesmo tempo que é árduo, o trabalho é muito gratificante, pois é ali que se valoriza muito mais a vida. Um fato prático ocorrido e que merece destaque foi o de duas internas que deixaram quebrar um copo na cozinha e a coordenadora determinou que trabalhassem mais 30 minutos no campo. Um rigor, no mínimo, discutível.

Aos sábados, o serviço é sempre mais leve ou acaba mais cedo. No domingo ninguém trabalha, a não ser quem está encarregada da cozinha e dos afazeres domésticos. No Centro Feminino há a missa para as internas e no Centro Masculino jogo de futebol, vídeo com um filme e missa dominical.

Um fato a ser notado é que praticamente todos os dias chegam cartas, que inclusive podemos considerar como um momento mágico, pois tem o poder de transformar os rostos, provocando conforto, alívio, satisfação e, algumas vezes, depressão ou inquietude para aqueles que recebem cartas ou as recebem com más notícias.

Às refeições, onde todas devem estar presentes, o início sempre se dá com uma oração de agradecimento. A alimentação é comum, todos servem-se à vontade, apenas com o cuidado de evitar desperdícios.

É impressionante sentir o amor que as internas têm para dar. Todas elas demonstram isso claramente. Até fazem festinhas surpresas entre elas, como uma maneira de procurar agradar e demonstrar um amor recíproco. Em algumas casas há a presença de crianças nascidas na própria Fazenda. As mães contam com a colaboração das outras internas na criação destas crianças.

À noite, até às 22 horas, todas contam como foi o seu dia, trocando as experiências.

5.2. As Internas e os Internos

A região dos Pilões é muito bonita e distante da cidade. Muitas montanhas, água corrente e árvores dão um toque de paz e silêncio, fatores que contribuem muito para se harmonizar com a natureza e perceber a presença de Deus naquele lugar.

Todas as meninas têm um mesmo traço marcante em suas vidas: sentem ter magoado as pessoas que mais amam. Elas vêm de todas as classes sociais, e começaram a usar drogas ou a prostituir-se devido, provavelmente, à perda de sua auto-estima e por serem oriundas de famílias desestruturadas. Há alguns casos,como por exemplo, os de ciúmes de irmãos mais novos que teriam recebido mais atenção e carinho de seus pais; outros casos onde o próprio namorado era usuário de drogas ou as usavam para obter trocas sexuais. No geral, observa-se na maioria das pessoas muita carência afetiva com manifestação aparente de baixa-auto-estima e consciência de respeito pessoal e sentido de autonomia.

Em Lagoinha, encontramos um grupo mais maturo, de faixa etária bastante jovem, variando dos 16 aos 35 anos.

Cada interna tem a sua história marcada por uma especial dramacidade. Nas conversas mais sérias, cada uma ia expondo seus problemas, até mesmo, uma das coordenadoras de grupo. São inúmeros os problemas que as levaram a se iniciar nas drogas. Mesmo com o método utilizado na Fazenda Esperança, é muito difícil que as recuperandas percam totalmente o seu jeito próprio de ser , sua maneira de falar, de agir ou de andar, etc.

Ninguém chega à Fazenda Esperança sem ter passado grande sofrimento! Em uma das casas, por exemplo, havia uma menina de apenas 13 anos que se iniciou nas drogas através de seu próprio pai, desde os 8 anos de idade. Infelizmente, ela não se adaptou e desistiu do tratamento. Há inúmeros casos que contam com 5, 20 ou 30 anos de dependência de drogas.

Neste contexto, o relacionamento é sempre difícil. Há quem se adapte logo à comunidade e outras que demoram mais tempo. Há dias em que tudo corre bem no relacionamento entre as internas, porém há outros em que por motivos mais sérios ou banais ocorrem brigas entre elas.

Sempre brincam muito imitando o que faziam antes. Talvez por necessidade ou resistência a perder a memória de quem eram, talvez para se exibirem. O fato é que sempre há muitas histórias concretas a se ouvir e isso as estagiárias fizeram bastante.

No Centro Masculino, por exemplo, o que se percebeu foi o fato de a grande maioria apresentar uma certa agressividade na defesa de seus pertences e de sua imagem. Mas o interessante é que há um grande, e atenção neste ponto, um grande mesmo desprendimento do que se possui. Ou seja, quando emprestam algo, emprestam mesmo, com um desapego singular. Mas deve-se tomar cuidado com o que é do outro, e devolver no prazo combinado. É muito comum trocarem objetos entre si, roupas e favores, como gravar uma fita K-7, por

exemplo. O outro aspecto, referente à própria imagem, sempre revela um certo egoísmo que eles vão vencendo gradativamente. É muito comum ocorrerem algumas brigas durante o jogo de futebol (o que ocorre em qualquer lugar). É a necessidade de não perder. É a entrada dura do colega, são os chingos e palavrões que mexem com a moral.

Mas o que salta à vista é a solidariedade que reina em todo canto. Uma sinceridade, às vezes doída, na troca de experiências e comunhão de almas. Uma aceitação do outro e compreensão da dificuldade de cada um. A vontade de deixar a dependência da droga ou do álcool é comum.

Também é importante destacar o que se refere aos dias de visitas. É o único contato que os internos tem com os familiares e que ocorre somente no primeiro domingo de cada mês, para o caso dos internos do Centro Masculino. Para as internas, a visita é no segundo domingo. Esse dia é o mais esperado por todos, o sentimento é como o de "uma criança na noite de natal esperando o papai noel chegar". São muitas as manifestações. Os internos preparam-se, organizam a casa para as visitas e quando as primeiras começam a chegar, a ansiedade aumenta até chegar a sua vez. Há uma alegria especial nesse dia. Todos se regozijam, almoçam com os familiares e recebem muitos presentes, principalmente doces, refrigerantes e bolachas que são divididos entre todos.

5.3. A convivência das Estagiárias

A recepção das Estagiárias na Fazenda foi boa. Não só na Caseta com as coordenadoras, aliás, muito oportuna, como também nas casas onde as Estagiárias se hospedaram e desenvolveram o estágio.

Elas fazem de tudo para agradar e se sentem muito honradas pela presença de pessoas que são de fora. Isso se dá pelo fato de, normalmente, não se sentirem importantes. Somente percebem que são importantes, quando pessoas, como neste caso, nós estagiários, deixem de realizar outras atividades pessoais para passar dias ou mesmo um final de semana com elas. Isso ficou nítido quando uma interna disse a uma das estagiárias: *"não acredito que você deixou de passar um final de semana com seu namorado e com sua família para ficar aqui trabalhando e além de tudo com um bando de drogados que não tem nada a ver com esse seu jeitinho"*.

Com essa abertura, à aproximação, o entrosamento se deu muito rápido. Logo se propõem a falar de suas experiências, assim como também querem saber tudo sobre as estagiárias, principalmente o porquê de estarem lá, se têm amizades ou conhecem alguém usuário de drogas. Uma das internas até pensou que umas das estagiárias iria substituir a coordenadora que estava viajando. Depois de esclarecido o mau entendido, essa interna foi a menina que mais se aproximou daquela estagiária.

Demonstram muito carinho e gostam de conversar. Estabeleceu-se uma boa relação, uma boa amizade, abrindo espaço até para algumas confidências. Pode-se constatar que houve, desde o início, uma grande empatia a partir do que as relações fluíram naturalmente. Mas, deve-se dar um cuidado especial ao fato de algumas internas parecerem querer testar as estagiárias pedindo dinheiro ou remédios. Tal pedido não deve ser atendido, conselho que elas recebem inicialmente da administração da Fazenda Esperança.

Na Casa de Formação há um fato que deve ser destacado: por ser um estágio final, talvez por este motivo, as internas assumem uma postura de acharem que sabem de tudo (ou quase tudo). Isso para que elas possam ir embora. Devido a este fato, elas ficam bloqueadas; quando alguém chega para dizer-lhes algo, respondem que já sabem. Mas, isto pode ser resolvido com o diálogo. Sempre há uma pessoa qualificada, uma coordenadora, na casa para apaziguar as situações mais difíceis.

Uma das dificuldades apontadas na convivência de uma estagiária foi a de se acostumar ao ritmo da casa, porque geralmente os horários são corridos, com hora marcada para tudo. Mas também havia horário para descanso e neles a conversa corria solta e receptiva, havia sempre um bom clima, com humor, muitas graças e risos.

As internas sempre perguntavam o que estávamos fazendo lá. No Centro Masculino não era diferente. Havia uma certa desconfiança pairando, às vezes, pelo ar, sobre a permanência de um universitário naquele meio. Não se tratava de um interno, nem de um seminarista, o que sempre tem por lá. Mas um *"careta"*, alguém que não é parente de ninguém, não é e nem foi viciado, alguém que tem uma vida normal no mundo, trabalha e estuda; o que estaria tal pessoa fazendo naquele lugar? Isso, de certa maneira os incomodou, causou uma certa inquietude. Mas logo se acostumaram com a idéia, pois viram que o estagiário trabalhava, comia e dormia junto deles. Fazia tudo conforme as regras da casa, sob o mesmo jugo.

Certa noite, em uma das casas femininas, por ocasião da troca de experiêncais, a coordenadora chamou a atenção de quatro internas que haviam infringido as regras. Depois, chamou a atenção de todas as outras para o fato e questionou sobre qual seria a atitude de cada uma delas. Esse questionamento foi feito inclusive para a estagiária daquela casa. Lembrou que a Fazenda Esperança é para quem quer se recuperar e crescer espiritualmente. E tendo dito isto, dirigiu-se a cada uma das internas perguntando se queria crescer e modificar o seu comportamento para melhor, inclusive para a estagiária.

A pergunta foi respondida e confirmada, através do relato de um fato, de uma experiência ocorrida na capela onde a estagiária disse à uma das internas que estava lá na Fazenda para conviver e compartilhar as experiências, e que, se o entendimento mútuo era de esforçar-se por mudar, a mesma se mostrava solidária.

6. CONSIDERAÇÕES GERAIS DOS ESTAGIÁRIOS

De uma maneira geral, as internas da Fazenda Esperança são pessoas que acabam de uma certa forma por se tornar amigas, pois abrem-se numa relação de confiança.

O sentimento de baixa estima é, aparentemente, muito forte e quando falam de si, do seu passado, de sua vida, quase não vêem um momento de felicidade. Este foi o caso de uma das internas que disse não haver na sua vida um momento de felicidade, pois o que mais a machucava era saber que, além de todas as dificuldades que ela encontrava, não possuia o apoio de seus pais e que estes, nunca haviam notado a sua presença, nem nunca pôde ouvir deles uma palavra de amor e carinho sequer.

A Fazenda Esperança é um trabalho maravilhoso, pois em primeiro lugar reconhece o Deus desconhecido, o Deus dos *"quadros"* como relata uma das internas há 11 meses na Fazenda Esperança: *"Sente-se o amor de Deus ao próximo, o amor de Deus no irmão e o amar-se a si próprio"*.

Pode-se também dizer que, provavelmente, todo começo do caminho às drogas é devido à existência estrutural familiar disfuncional. Este fato se evidenciou pelo valor que hoje os internos dão aos seus familiares. Estimam-nos como nunca, mesmo que sua família não se importe com eles.

De forma geral, a maioria deles vem à Fazenda Esperança para se recuperar, porque realmente chegaram ao fundo do poço: depararam-se com a morte e a cadeia. Refugiam-se na Fazenda Esperança. Por isso também, alguns, no começo, não pensam que podem recuperar-se. Há pessoas também, que estão fugindo ou da polícia ou de algum traficante. É uma realidade constatada. Mas também, acredita-se que com o tempo, acabarão percebendo que o principal objetivo é ficar bem consigo mesmo, o que se concretiza com a recuperação.

Nesse sentido, a Fazenda Esperança enfatisa a sua filosofia de vida que é: "o único método de recuperação é a vivência do evangelho". Essa meta é valorizada com bastante frequência pelas coordenadoras.

A oração merece um particular destaque: é muito forte e todo o grupo de estagiárias pode participar ativamente dela. Por exemplo, uma estagiária pode participar de um dos pontos altos da espiritualidade focolarina junto a elas: diante de uma fogueira que representava a Luz, a vida de Cristo, fizeram um PACTO, ou seja, comprometeram-se a dar a vida pelo irmão, onde quer que ele esteja, no momento que for. Se alguém, daquele pacto, a procurar, deverá ajudá-la ao máximo, morrendo para si para que a outra viva.

Algumas dificuldades advieram ao grupo, mas, felizmente que foram superadas. Pode-se citar, por exemplo, o fato de, quando da chegada, ter-se que dividir o grupo para ser distribuído por entre as casas. Era um momento esperado e, mesmo assim, todas estavam muito ansiosas e tensas, pelo contato que haveriam de ter. Nos Pilões, por exemplo, que por ser uma casa onde as internas encontram-se no início do processo, presumia-se que seria mais

difícil o relacionamento; no entanto, o que se percebeu foi um bom entrosamento e uma boa partilha, sem maiores dificuldades. Criou-se, inclusive, uma forte amizade naquela casa.

Outra dificuldade era a de não interferir no sistema da casa. Por ser o grupo formado por pessoas de fora, fatalmente acabaria por conviver com situações conflitantes com o modo de vida ou de pensamento vigente no local. Neste particular, a dificuldade surgia nos momentos de oração, onde sempre havia a vontade de se comentar sobre algum texto lido, expondo uma experiência diferente que, talvez, não fosse apropriada ao momento.

Mas o que foi bastante favorável ao grupo era o sentimento maior que todas as estagiárias tinham de querer realmente participar de todo o processo da Fazenda Esperança fazendo questão de se sentirem como se internas. E puderam concluir que, realmente, por mais que as dificuldades aparecessem, todas estavam em igualdade com as internas, onde não faltaram também a providência e a graça de Deus. E é nesse contexto, através da oração, que pode ser percebido o reencontro consigo mesmo, em que as transformações acontecem naturalmente.

Tal fato, porém, não esgota a discussão sobre a necessidade de um apoio que viria em complemento às outras atividades, pois percebeu-se que as internas sentem muita necessidade de expor seus conflitos internos e, até mesmo, para entender o motivo de seguir esse tipo de vida.

As famílias também deveriam ser melhor orientadas para apoiá-los, pois a partir do momento em que decidem se recuperar e recebem o apoio familiar, com certeza se empenham mais no tratamento.

Outro fato a ser observado é o de que os internos ficam muito isolados até completarem o ciclo de seu ano e não sabem como será a vida quando retornarem ao seu antigo círculo social. Muitos voltam ao vício porque de dentro da Fazenda Esperança não há como manter um contato com o mundo de fora (a não ser por cartas) e, fora de lá, a realidade é outra, isto é, não aprender a mediar a transformação terapêutica de suas vidas com a realidade da vida com que voltarão a se defrontar. Pode-se realçar o fato de que saindo de lá eles encontrarão na maioria das vezes, as mesmas pessoas de antes e com certeza serão chamados de *"caretas"*, e, talvez, para não se sentirem inferiores ou mesmo para provarem para si que estão recuperados, novamente acabam experimentando a reincidência das drogas. Nestes casos, infelizmente, a recaída é sempre pior.

A realidade é que, quando saem, passam a viver em um mundo comum e a rotina saudável da Fazenda Esperança muitas vezes acaba no esquecimento. Daí a necessidade de um profissional que os faça ver por si próprios os seus valores e aprendam a mediá-los com a realidade do mundo..

Enfim, toda essa experiência é bastante válida, e, neste sentido, seguem ainda alguns comentários que mostram, de uma maneira bastante pessoal e singela, um pouco das experiências vividas:

"Fui disposta a amar e jamais pensei que eu seria tão amada. A experiência toda foi abençoada, cada uma das meninas-mulheres com quem convivi me emocionou e deixou gravado no meu coração uma esperança. Aprendi tantas coisas, ganhei amor e respeito, e nunca me senti tão amada.
Encontrei a generosidade de Deus no rosto de cada uma, senti me livre de todas as coisas materiais. Lá todas somos iguais, não possuía dinheiro, não precisava dele. Estava me recuperando também, quer dizer, se estou tão longe de drogas como o crack e a heroína, estou perto de outras conhecidas como egoísmo, orgulho, ganância, inveja, luxúria e muitas outras, que, infelizmente, se encontraran no coração da humanidade.

Lilian - Psicologia

"Este projeto foi muito importante para percebermos como algumas pessoas são muito mais vulneráveis à falta de carinho e deixam-se influenciar negativamente. Para mim, em particular, foi muito mais importante devido à área de estudo que escolhi"

Lidiane - Psicologia

"A visita à Fazenda Esperança foi uma experiência de vida muito importante; a cada dia que se passa pude sentir a realidade de vida que as internas possuem... Enfim, a visita foi além de tudo uma visita à realidade da vida de pessoas que muitas vezes acabam por passar despercebidas em meio à sociedade"

Dilene - Psicologia

"Cada um que passa deixa um pouco de si no que fica. Essa frase ganhou vida e sentido na Fazenda Esperança, onde comecei a entender que sempre é tempo de aprender, bastando-se estar aberto para mudar."

Viviane - Direito

"A entrega à vida foi o que ficou marcante para mim. A vida é uma eterna doação de si mesmo e quando isso ocorre, o ser humano se manifesta todo e completamente, disponível a um prazer de desprender-se das coisas."

Márica - Psicologia

"Para mim, universitária, além de ser um tranbalho de solidariedade humana, serviu como um alerta.Também para os que não estão firmes na Fazenda Esperança não deixa de ser uma lição de vida..."

Milma - Coral USF

"O que era sombra na vida de cada uma, hoje, é uma realidade. E realmente há só o tempo para que a recuperação aconteça, pois ele também é o instrumento de Deus e com o seu passar Ele se revela. Em um todo das minhas conclusões posso relatar: 'Ser humilde como uma pomba e prudente como uma serpente".

Grazielle - Psicologia

"Fiquei bastante emocionado quando na despedida, o Fumaça (assim o chamavam), disse, em nome da turma da Casa Santo Agostinho, que iriam sentir saudades, pois já me tinham como um interno, alguém que parecia ter vindo da triagem com eles. Não parecia ser ninguém diferente, pois fazia a mesma coisa que todo mundo e os quinze dias pareciam meses de convívio. Compreendi naquele momento que eu fazia parte daquela casa, que havia sido aceito (e como é bom ser aceito!) e que também iria fazer falta, deixar saudades".

Evandro - Direito

7. CONCLUSÕES

É importante salientar, que, para efeito de avaliação e execução deste relatório, foi providenciado um roteiro (Anexo 5) que pudesse uniformizar as informações, de modo que se viabilizasse, de forma sistemática, sua elaboração.

O Projeto São Francisco foi planejado para ser uma atividade permanente da Universidade São Francisco, através da Pró-Reitoria Comunitária-SP, com uma periodicidade, inicialmente, anual.

O estágio na Fazenda Esperança, de início, previsto para um período de 15 dias, foi tido como suficiente para este primeiro grupo de estudantes. Muito embora a prática tenha demonstrado que a dificuldade maior está na disponibilidade da vida pessoal de cada voluntário. Ademais, há a idéia de que este período quinzenal também é extenso diante da monotonia da Fazenda. Porém, tal observação foi feita por apenas uma das estagiárias. A maior parte acredita que esse período é o suficiente para que o grupo possa tomar conhecimento de todas as informações básicas sobre a Fazenda Esperança: o que é, qual o seu objetivo maior, sua metodologia na recuperação dos internos, sua espiritualidade e ritmo de vida e, além disso, vivenciar a rotina de suas experiências..

Já o período de preparação imediata usado, de 1 mês, pareceu pouco, diante do número de informações necessárias que devem ser passadas aos estagiários, além de outros conteúdo formativos, também necessários à preparação do grupo.

Neste sentido, faltou uma maior abordagem sobre a questão dos dependentes, ter conhecimento mais profundo de como eles reagem às drogas, o que pensam, do que precisam, etc. Houve apenas uma palestra e muitas reuniões para a leitura do texto formativo, de modo que este poderia ser esplanado em apenas uma reunião; nas demais tratar-se-iam de informações mais práticas, como as que foram obtidas na palestra do Prof. Augusto.

Com relação ao grupo, o mesmo possuía uma característica muito marcante. De um total de 13 estudantes, apenas um homem. Além disso, marcou a multiplicidade na origem dos cursos desses estagiários: uma integrante do Coral USF, três estudantes de Direito, duas de Serviço Social e sete do curso de Psicologia.

No período preparatório, não se conseguiu uma total assiduidade e pontualidade, talvez, em virtude do horário das reuniões (antes das aulas noturnas começarem, daí nem todas conseguirem chegar no horário), ou talvez, pelo fato de ser uma vez por semana, sempre na terça-feira, ou ainda por ser um trabalho voluntariado, desafio à maturidade do grupo.

Houve também alguns imprevistos. Ocorreu que duas pessoas do grupo não compareceram à última reunião nem participaram do estágio, apesar de terem sido comunicadas entre uma etapa e outra. Outras duas estagiárias, por problemas de saúde retornaram a São Paulo no dia seguinte e não finalizaram o estágio. Uma outra, após uma semana, em virtude de uma forte gripe, também retornou a São Paulo, antes do previsto. No entanto, mesmo diante dessas circunstâncias, o Projeto em si não foi prejudicado, nem o espírito de união do grupo esmoreceu, mesmo porque, as estagiárias ausentes participaram desde a preparação até o início do estágio, sendo que a contribuição que deram ao grupo foi de muita importância.

Ainda com relação ao grupo, merece especial atenção e apreço o fato de o mesmo querer continuar se encontrando, pensando em outros projetos dessa natureza, mantendo um contato permanente, criando um círculo de amizades. Tal união, sem dúvida, elevou o Projeto

e o próprio grupo, que hoje, é uma realidade concreta, um fruto concreto do Projeto São Francisco que sente a necessidade de tornar este Projeto conhecido. Não só ele, mas outros que ainda estão por se realizar. Neste caso, o grupo seria uma fonte de inspiração e incentivo.

Para uma próxima realização deste Projeto, fica registrada a idéia de se tornar a Fazenda Esperança mais conhecida dos acadêmicos da universidade e, particularmente, dos próprios interessandos no projeto.

A participação de universitários neste tipo de projeto é muito importante para a formação humana do futuro profissional, oriundos dos mútiplos cursos da USF. Abre-se, assim, uma oportunidade de se parar por algum tempo e voltar a atenção aos outros seres humanos que nos cercam, os seus problemas, anseios e desejos. É uma oportunidade relevante para se amadurecer nas questões que tratam da pessoa humana e da vida e assumir uma postura mais crítica frente a esta sociedade e ao que ela produz e reproduz.

Ao final deste Projeto, pode-se concluir que, ao se conhecer novas realidades, vivenciá-las, olhar para o próximo e amá-lo, num desprender-se do próprio comodismo, é fazer com que cresçamos como seres humanos, que sejamos mais sensíveis e mais solidários.

Neste sentido, é preciso ter muita consciência do papel que cada qual tem nesta sociedade tão diversifidada.

Como as internas e os internos da Fazenda Esperança, é preciso que cada um de nós se proponha a buscar a pessoa - a mulher e o homem - perdida há muito pelas drogas do egoísmo, da ganância, da alienação e de muitas outras *"drogas"* que destroem a humanidade. É preciso voltar-se para o próximo e amá-lo. Querer mudar e ajudar a mudar. É preciso ter Fé, não deixar a Esperança morrer e, sobretudo, desenvolver o sentimento de compaixão e a ação da caridade.

8. ANEXOS

8.1. Projeto São Francisco

PRINCÍPIOS BÁSICOS

"O respeito aos princípios da comunidade local é fundamental".

O objetivo do Projeto consiste em participar diariamente do trabalho desenvolvido na Fazenda Esperança, como observadores e colaboradores indiretos. Neste sentido, é importante conhecer as pessoas profundamente, trabalhar juntos, ouvi-las e aprender delas. Somente assim poderá haver uma verdadeira relação de troca, fundamental num trabalho experimental.

Os participantes deverão estar sensivelmente atentos ao que os internos dizem, livres de qualquer "pré-conceito" e sem tirar conclusões apressadas. Se falarem, deverão ouvir. Se perguntarem, responder com simplicidade, tranqüilidade, franqueza e autenticidade. É necessário desenvolver uma relação de convívio aberto e cordial nesses dias.

Deve-se observar a todos igualmente, não deixar, por exemplo, aqueles que falam menos, fora de nossa atenção.

Os participantes deverão fazer um relatório (se possível, diáriamente), que servirá para uma avaliação posterior do estágio. No final do estágio, no dia 19 (ver cronograma) haverá uma reunião geral de toda a equipe, juntamente com a coordenação da Fazenda Esperança para uma avaliação final.

Posteriormente, em agosto, com o retorno às aulas, a mesma equipe elaborará um relatório mais completo sobre todo o Projeto São Francisco.

REQUISITOS

Uma boa permanência na Fazenda Esperança e, diante das condições em que se encontram os internos, requer uma certa conduta dos participantes, de modo a não levar vícios que, de alguma forma, poderiam comprometer todo o trabalho de recuperação dos mesmos.

Seguem abaixo alguns critérios estabelecidos que, por sua vez, influenciaram na seleção da equipe:

1) É norma da casa a proibição do uso de cigarros. Portanto, ninguém pode fumar.
2) O vestuário deve ser discreto. Não levar jóias, brincos, pulseiras ou relógios que chamem a atenção. Recomendamos, inclusive, que não se leve dinheiro.

3) É necessário respeitar os horários da comunidade.
4) É importante zelar pelo trabalho, participar das refeições e valorizar as conversas em grupo.

METODOLOGIA

Ouvir será a principal tarefa dos estagiários. Todo cuidado deverá ser tomado no sentido de não interferir no processo de recuperação dos internos.

Portanto, estabelecemos como regra geral:

NÃO interferir no sistema de recuperação dos internos da FE;
NÃO emitir pareceres (estes farão parte de nossa avaliação geral posteriormente);
OUVIR sempre a todos;
OBSERVAR tudo sempre com atenção e sensibilidade.

Lembre-se: a experiência maior será a nossa, através da observação.
O Projeto São Francisco será para nosso enriquecimento pessoal.

EQUIPE

O grupo da Pastoral Universitária do Câmpus de São Paulo foi escolhido para compor o núcleo base do projeto, por algumas facilidades que o mesmo apresenta, como por exemplo: é um grupo que já se reúne periodicamente, possui afinidade entre si e nos ideais evangélicos. Assumiu a proposta do Projeto como atividade da própria Pastoral.

Atualmente esse grupo é composto pelos alunos Evandro, Carmen, Viviane, Márcia e Davidson. Este último, por questão de trabalho, infelizmente não pode integrar o Projeto como um todo; não obstante, suas contribuições estiveram sempre presentes.

Abertas as inscrições, as mesmas foram preenchidas. Detalhe curioso, que está fazendo parte de nossa análise, é que as vagas foram preenchidas apenas por mulheres.

Assim, formamos uma equipe feminina de 14 pessoas.

DISTRIBUIÇÃO NAS COMUNIDADES:

PILÕES: CASA 1 - LILIAN e VIVIANE
CASA 2 - CARMEN e CLÁUDIA

BAIRRO:	CASA 1 - MÁRCIA SAYONARA e LIDIANE
	CASA 2 - SILVIA e FILOMENA
	CASA 3 - MILMA e DILENE
LAGOINHA:	CASA 1 - GRAZIELE
CENTRO MASCULINO	- EVANDRO

8.2. Cronograma

1ª ETAPA

SAÍDA DA USF - SÁBADO DIA 5/7
GRUPO I e III - TOTAL DE PESSOAS = 9
HORÁRIO: 8:00h
PREVISÃO DE CHEGADA NA FE: 11:00h

RETORNO DO GRUPO III (3 PESSOAS) - DOMINGO DIA 6.7
HORÁRIO: 17:00h
PREVISÃO DE CHEGADA EM SP: 20:00h

2ª ETAPA

2ª SAÍDA DA USF - SÁBADO DIA 12/7
GRUPO II e III - TORAL DE PESSOAS = 7
HORÁRIO: 8:00h

RETORNO DO GRUPO III (3 PESSOAS) - DOMINGO DIA 13/7
HORÁRIO: 17:00h

3ª ETAPA

REUNIÃO GERAL NA FE: SÁBADO DIA 19/7
GRUPO I e II - TOTAL DE PESSOAS = 10
HORÁRIO: 15:00h (sugestão)
RETORNO: LOGO EM SEGUIDA

(Haverá condução da USF para levar e buscar no local).

8.3. Entrevista

A FAZENDA ESPERANÇA*

* *Texto de autoria de Frei Eliseu publicado pela revista "O Mensageiro de Santo Antônio" de Portugal. O texto é aqui publicado na íntegra. Houve apenas uma adaptação para o português do Brasil.*

Quem vai de São Paulo ao Rio de Janeiro, pela Via Dutra, passa por Guaratinguetá, uma cidade bastante conhecida por se situar a 10 km de Aparecida do Norte, o grande santuário do Brasil, e por uma experiência singular e de grande efeito social. É suficiente perguntar pela Fazenda Esperança que toda a gente sabe do que se trata.

Tudo começou com Hans Stapel, um frade franciscano alemão, bondade impressa no rosto e sorriso constante que, ordenado padre no Brasil, foi destinado a uma comunidade desta cidade. Os problemas não faltavam.

Um dia, uma jovem menina, grávida, recusando a sedução do aborto, foi ter à casa paroquial, pedindo socorro ao "frei" que a acolheu prontamente, suscitando a perplexidade das pessoas de bem, pois não era recomendável ter na casa paroquial uma mãe solteira. Frei Hans pôs a questão nestes termos: "Vós tendes razão... Quem de vós quer levá-la para a própria casa?.. "

Desde então o Vale passou a ser chamado Vale da Esperança. Uma vasta obra social nasceu e cresceu espantosamente, tornando-se ponto de referência na ação de recuperação de dependentes de tóxico, na assistência de portadores de AIDS, de detidos com penas comutadas e de todas as pessoas à procura de esperança.

O Segredo da vida de relação

Todo o dinamismo está centrado na esperança. Trabalho, lazer, cânticos, organização: tudo é precedido pela vivência simples e concreta do Evangelho que faz desabrochar a vida de relação. O que chama mais a atenção é a seriedade no trabalho, a simplicidade de todos os que ali vão para colaborar. A harmonia é geral.

Os sentimentos que se experimentam passam da incredulidade à maravilha, da curiosidade ao silêncio de quem se encontra diante de uma obra que, sem receio, tenho a ousadia de a chamar: "obra de Deus".

Ali os responsáveis são apenas instrumentos na mão do Autor principal. (Quem programa e realiza tudo é ele. É ele - como Frei Hans costuma dizer - que ama os drogados, as mães solteiras, os presos, os pobres que moram debaixo das pontes, as crianças abandonadas. Enfim, toda aquela humanidade marginalizada com a qual quis identificar-se ao dizer: Tudo aquilo que fizestes ao mais pequenino dos meus irmãos é a mim que o fizestes.

Passando pela Fazenda Esperança, um jovem com AIDS olhou para mim com expressão serena, contida e sofrida, acompanhada por um sorriso todo ele esperança. Dentro de mim, uma certeza: a necessidade de amor concreto revela, perto de nós, a forte expressão do "Poverello" Francisco de Assis: "O amor não é amado".

Frei Hans aceitou este desafio.

O que é isso de que todos falam?

MSA (Mensageiro de Santo Antônio): Quem é Frei Hans?

Frei Hans: Sou um franciscano, natural da Alemanha. Estou no Brasil há mais de vinte anos. Fui pároco de Guaratinguetá ao longo de doze anos. Foi a partir do trabalho paroquial que nasceu esta obra social conhecida hoje por Fazenda Esperança.

MSA: Por que Fazenda Esperança?

Frei Hans: Quando já o nosso trabalho estava bem encaminhado, o coordenador de um programa de televisão veio fazer uma reportagem. A repórter, ao longo da conversa, chamou esta fazenda com o nome de Fazenda Esperança. Nós a alertamos para a inexistência deste nome. Mas ela, por sua vez, simplesmente retorquiu, dizendo: "A partir de agora, vai existir". E realmente assim foi.

MSA: Qual a resposta à problemática juvenil do Brasil?

Frei Hans: Uma pequena ajuda. Hoje, muitos dos jovens vivem sem ideais, sem luz, sem esperança, sem caminho e muitos entram no mundo da droga. Mas logo descobrem também que não é isso que querem e gostariam de sair, sem o conseguirem. A Fazenda Esperança quer dar uma mão: primeiro, libertá-los do vício, seja ele droga ou alcoolismo. Em seguida, oferecer uma outra proposta de vida: uma vida com sentido, não simplesmente de consumismo e de prazer que leva ao nada.

MSA: Quando se fala de experiência de recuperação de drogados ou alcoólicos, sempre se pergunta: qual é o método que se está utilizando para uma recuperação de sucesso?

Frei Hans: O nosso método é muito simples. Em primeiro lugar, devido ao nível de pobreza e de poucos recursos econômicos dos jovens, não cobramos nada. Porém, precisamos de trabalhar para nos mantermos. Não seria justo pedir aos pais ou a outras entidades ajudas econômicas, estando os jovens com saúde e força para trabalhar. Portanto, o primeiro ponto da nossa recuperação é o trabalho, não como terapia, mas como produção para sustento da própria vida.

O segundo ponto é a espiritualidade. Consiste em viver em relação, em fraternidade, em família: estarmos unidos ao redor de um ideal. E uma proposta de viver respeitando o outro, fazer o outro feliz através dos pequenos gestos de entreajuda que o dia-a-dia vai proporcionando.

Eis os dois grandes componentes do nosso método: trabalhar para nos sustentar e treino constante em fazer tudo por amor. Verificamos que os jovens se recuperam.

MSA: O Frei Hans é franciscano. Que influência teve o carisma de São Francisco nesta sua experiência?

Frei Hans: Teve influência muito grande e até mesmo o nascimento desta experiência vem do carisma franciscano. De fato, São Francisco não queria outra coisa a não ser: pôr em prática o Evangelho.

Quando, jovem padre, cheguei à paróquia, não tinha programa e não estava à espera de ser logo nomeado pároco. No início andava um pouco perdido. A única segurança que tinha foi a de viver o Evangelho como nos dizia Francisco de Assis. Peguei no Evangelho, não como livro para fazer meditação, mas sim como estilo de vida. E isso levou-me a abrir, muitas vezes, as portas da casa paroquial: uma vez a uma mãe-solteira, outras vezes a jovens drogados, homossexuais ou com outros problemas, até a casa paroquial se tornar pequena. Sensibilizando a comunidade paroquial e com a colaboração de jovens que sentiam a chamada para um estilo de vida evangélica, deu os primeiros passos aquilo que hoje é a Fazenda Esperança.

Hoje temos a "casa da criança", onde acolhemos todas as crianças abandonadas da região e as preparamos para a adoção; temos uma casa onde acolhemos as mães solteiras da região a fim de elas não abortarem. A Fazenda Esperança é animada pela presença de duzentos jovens, entre parte masculina e feminina. Mas há Fazenda Esperança em outros estados do Brasil, todas ajudando os jovens a se recuperarem. O estilo de vida que São Francisco entrega aos seus frades, de colocar o Evangelho na vida, pode tornar-se a solução dos problemas que a humanidade vive hoje.

Um segredo tão antigo fazendo milagres hoje

MSA: Poderíamos afirmar que, mais do que um método, o motor de toda a experiência é uma "mística"?

Frei Hans: Não há dúvida nenhuma! Não há dúvida nenhuma! De fato a todos os jovens que vêm ter conosco apresentamos a proposta de viver o Evangelho.

Frases do Evangelho como: "O que tu não queres que te façam a ti, não o faças tu também"; ou, numa tônica positiva: "Tudo o que tu queres que te façam a ti, faze-o tu também aos outros" permitem fazer desabrochar neles a atitude de solidariedade e de amor para com o colega. Nós chamamos a isso caridade. No momento em que o jovem vive a

caridade e sinceramente pensa no outro e não em si, e é motivado para isso, ele se liberta de si mesmo e vai resolvendo os problemas. Acreditamos que, se eu amo, e Deus que é amor a entrar na minha história e ele me liberta, me faz contente, me realiza e me faz conhecer a mim mesmo.

Há uma frase no Evangelho que diz: "A quem me ama, eu me manifestarei". Eu fico espantado de como ele se manifesta e de como os jovens, depois de um tempo a viverem assim, se abrem e partilham com os outros da vida deles, e entregam todo o passado à misericórdia de Deus e passam a viver cada instante numa novidade de vida de uma forma esplêndida.

MSA: Qual é a projeção desta experiência no mundo da recuperação dos dependentes de tóxico e como é que a Igreja olha para a fazenda Esperança?

Frei Hans: A irradiação que se deu foi também para mim uma surpresa. No início pensava que tudo isso fosse simplesmente uma ajuda a jovens drogados. Hoje verifico que esta ajuda é uma luz que se irradia, porque durante todo o ano temos visitas à fazenda. Há jovens que fazem cursos e ficam uns tempos conosco. Já não sei quantos sacerdotes e bispos já visitaram a fazenda! Há jovens da fazenda que aos olhos da sociedade estão marginalizados e quase perdidos: ao encontrar a capacidade de amar não somente encontram-se com Deus, mas o seu testemunho ajuda muitas pessoas que passam pela fazenda a reevangelizar-se, crentes ou não. Para mim, é um milagre ver como Deus trabalha. Eles que, muitas vezes, não têm muita cultura e não sabem muitas coisas acerca de Deus, estão como crianças abertas para o Evangelho que lhes faz entender coisas que se tornam luz para os que vêm visitá-los.

Quando os seminaristas, depois de um ou dois anos, ou um ou dois meses de vivência conosco voltam para o seminário, quase todos dizem que encontraram e entenderam mais Deus nestes jovens do que no próprio seminário. O fato é que aqui não há nenhuma teoria, há somente vida e a vida dá segurança. De fato, eles comunicam a sua experiência com tanta segurança que até eu fico admirado. Eles descobrem Deus, de dentro, a partir da sua própria existência.

MSA: Qual é o nível social dos que freqüentam a fazenda?

Frei Hans: É muito diversificado: há pessoas muito pobres, como também pessoas formadas, advogados, médicos. Portanto, de todos os níveis. Mas a maioria é de nível mais pobre. Aqui, o que vale não é a cultura, mas a experiência de saber amar.

Há tempos, freqüentou a fazenda um jovem advogado e ficou bem recuperado. O mais engraçado foi que quem o orientava na recuperação era outro jovem sem cultura nenhuma. O jovem advogado, quando chegou à fazenda, a primeira coisa que disse foi: "Eu

sou ateu e marxista". Eu disse para ele: "Não há problema nenhum; o importante é que estejas aberto para amar e seguir o que os responsáveis vão dizendo".

E ele entrou numa casa onde o responsável era analfabeto, mas que sabia amar muito concretamente; e o advogado se encontrava freqüentemente com este jovem que não sabia nem ler nem escrever, mas somente amar. E começou também o advogado a amar concretamente aos outros. Começou, assim, a recuperar e a entender muita coisa da nossa "mística". Não chegou a acreditar, e nós também não forçamos. Dizia: "Aqui vejo só luz, tanta luz, tanta coisa lógica e tanta coisa estou a entender".

Hoje ele saiu da fazenda, está trabalhando como advogado, nos ajuda na condução da fazenda. Encontrou aqui, diz, a felicidade.

A força impulsionadora

MSA: O Frei Hans não é único. Existe uma equipe. (Qual é seu papel e como funciona para chegar a vitalizar e movimentar todo este mundo?

Frei Hans: Graças a Deus, a Fazenda Esperança não é só o Frei Hans. Todas as obras que estão ligadas só a uma pessoa estão condenadas a morrer. A fazenda não nasceu da minha vontade. Eu acolhia pessoas necessitadas na casa paroquial, e um jovem da paróquia, também empenhado em viver o Evangelho, tinha o mesmo desejo. Assim, logo no começo foi meu colaborador. Ele se encontrava freqüentemente com jovens que se drogavam, com o desejo de amar neles Jesus, vivendo o Evangelho. Neste contato nasceu neles o desejo de viverem juntos, ajudando-se mutuamente, colocando em comum o que tinham: o salário, os problemas, tudo, para encontrar uma solução em conjunto. E esta experiência ganhou consistência. A estes primeiros jovens, outros se juntaram. Hoje, temos um grande grupo de voluntários. Com estes voluntários nós nos encontramos periodicamente, com a única finalidade de nos ajudarmos a fazer a vontade de Deus e a viver a sua palavra. A palavra vivida produz alegria e luz para levar este trabalho para a frente.

MSA: Se quiséssemos falar em termos de percentagem de sucesso, que sucesso tem este vosso método, esta vossa mística na recuperação dos dependentes de tóxico?

Frei Hans: É sempre difícil falar em percentagem de recuperação, porque sempre pode variar e mudar. No primeiro mês, quando os jovens se nos apresentam, perguntamos se querem mesmo recuperar-se ou não. De fato, nós aceitamos somente os que querem. Isto já é uma grande vantagem. Uma segunda vantagem vem do fato de que o nosso tratamento é longo: um ano ou mais.

Depois de ter passado um ano conosco, o jovem recebe um diploma e passa a fazer parte da "família" da Fazenda Esperança. Todos os meses recebe o noticiário da fazenda, onde cada um pode intervir. Este grupo, hoje numericamente grande, pode dizer como se encontra na sua recuperação, porque estão em contato conosco. E, graças a Deus, mais de 80% deles estão se mantendo fiéis e recuperando verdadeiramente, ajudam outros e enviam-nos para a fazenda. É verdadeiramente um relacionamento familiar que existe entre eles.

MSA: Que futuro para os que saem?

Frei Hans: Depende muito do grupo que os vai acolher. Antes deles saírem da fazenda, nós visitamos a família, se a têm, ou o lugar de onde vieram, para ver se há grupos, paróquias ou movimentos que possam ajudá-los a ficar de pé. Temos consciência de que, se eles voltarem a viver uma vida sozinhos, estão perdidos. A força está na relação que eles têm com outras pessoas ou outros jovens, com os quais se relacionem e que os acolham como eles são, ajudando-os a continuar a caminhar. Sem este apoio concreto de pessoas de fora é muito difícil para um jovem ficar de pé.

MSA: Como em todas as organizações, que se respeitem e que funcionem, deve haver uma cabeça pensante e que tudo organiza. Quem é o responsável da Fazenda Esperança: o Frei Hans, o Nelson ou a equipe?

Frei Hans: A vida que nos fascinou foi saborear a liberdade de viver o Evangelho e isso provoca a presença de Jesus (Mt 18,20). Por isso, o responsável da fazenda é ele entre nós: é ele quem recupera, quem faz o milagre. Todo o bem que acontece é ele. A nossa tarefa é cuidar para que ele esteja no meio de nós e isso requer estarmos prontos a dar a vida um pelo outro. E nesta aventura não importa ser jovem, padre ou drogado: bastam dois ou três reunidos em seu nome.

À laia de conclusão

Verifiquei, ou melhor, intuí naquele dia, que lá passei, que quem vai bater à porta da Fazenda Esperança não vai por dinheiro ou para ser internado. Vai porque precisa encontrar alguém: uma pessoa que se torne lugar de encontro e de reconciliação. Toda a fazenda é este lugar de fraternidade universal, de família e de reconciliação. Quem por lá passa, sente que é esta experiência que a Fazenda Esperança oferece. As perguntas que tinha preparado, deu lugar ao silêncio de quem olha, quase comovido, para a vida reconciliada daqueles jovens. E a vida vivida a tornar-se palavra, a ecoar no mais íntimo do ser.

Muita gente passou pela fazenda ao longo destes dez anos. A conclusão a que se chega é aparentemente simples, como é tudo o que nasce do amor: a recuperação da vida é fruto do acreditar em cada pessoa.

Passar um tempo na Fazenda Esperança é entrar numa escola de vida, onde o drogado ou alcoólico necessita de encontro, de relação, de reconciliação interior e exterior para retomar a vida a renascer continuamente como exigência de amor.

O marginalizado, ou o dependente de tóxico, não é alguém diferente, não é um doente, mas sim o espelho fiel e "visível" do homem de hoje, sedento de relação. Através do seu trabalho de renascimento, traça e antecipa o caminho para aquela cura que contém em si a descoberta da necessidade do perdão cósmico e do amor.

Ao conhecer todas essas pessoas, verifiquei que os sinais de morte, que as tinham levado à fazenda, se tinham transformado em sinais de vida.

FRANCISCO DE ASSIS E OS EXCLUÍDOS

ou

Rachai a lenha, eu estou lá.
Erguei uma pedra e lá me encontrareis!**

Prudente Nery, OFMCap.

** *Jesus de Nazaré, na coletânea não-canônica [apócrifo] de aforismos e parábolas: Euangelium Thomae Copticum, 77.*

1. Francisco de Assis ou: só o olhar do amor vê a verdade do mundo[1]

Talvez resida aqui o segredo deste homem que a todos inalteravelmente encanta, desde que ele, fugidio e fúlgido como um raio, passou pelo mundo, iluminando também nossas vidas: Francisco via o mundo com um outro olhar, o mesmo, aliás, de seu santo, querido, amável e humilde irmão[2] Jesus de Nazaré. E para ambos, este mundo é, em seu derradeiro mistério, nos secretos recantos de sua última verdade, o próprio reino dos céus[3]. Tudo que tão ardentemente aspiramos e esperamos, está próximo e bem junto de nós, velado, quase sempre, aos nossos olhos; soterrado, freqüentemente, sob os entulhos de nossos medos, desânimos, preconceitos, indiferença e malícias, mas está ali, ao alcance das mãos. Bastaria que se olhasse o mundo com o olhar, sim, da fé[4] e que, nele, se vivesse com uma outra cordialidade, a do amor[5]. Este foi o segredo de Francisco de Assis[6]. Por isso, neste vale de lágrimas que é o nosso mundo, ele viveu como num paraíso. Verdadeiramente, sob as luzes do amor, é possível ver em tudo e todas as coisas uma escondida beleza: sob as feições repugnantes de um leproso oculta-se a nobre face de um irmão; e o ladrão já não é mais um inimigo, mas um perdido que, se acolhido, desvela-se como amigo. Na experiência do amor, tudo se transforma: as nuvens do céu lembram, em sua livre suavidade, a delicadeza do amado e as estrelas do céu recordam o brilho do seu olhar... e o sol, a lua, o fogo, a água, o vento, o pão, o vinho, o trabalho, a dança, as canções, as carícias, os sorrisos, as lutas, o descanso, os homens, o milagre do perdão e a morte. Tudo parece recolher e refletir em si a magia do amor: o que, antes, nos parecia selvagem e perigoso, torna-se amigo e irmão; o que sem importância era, faz-se precioso e sagrado; o que se tinha como amargo, transforma-se em doçura; o simples é amável, quando se olha com o coração, o coração dos homens e das coisas. Só o amor, com seus segredos e seduções, possui a enigmática força de fazer com que, enamorados do eterno, abracemos, com cordialidade, o pouco deste mundo ou: apaixonados pelo Altíssimo, saudemos, com incontida alegria, as suas frágeis criaturas. Vistos com os olhos da fé, tudo se faz diáfano e o mundo, um grande sacramento[7] de Deus. De Francisco podemos dizer: ele foi, no cristianismo[8], a mais clara verificação histórica; desta verdade tão antiga quanto o mundo: só o coração consegue ver o essencial e só a ele é que se desvela o mistério do universo e dos homens, Deus. E quem tem este tesouro absoluto, tem tudo e há de ser pobre e casto e obediente e simples e fraterno e alegre, não como resultados sofridos de uma ascese impiedosa, mas em conseqüência de se estar feliz.

2. Por uma fenomenologia do olhar ou: Se pois a luz que há em ti são trevas, quão espessas não serão as próprias trevas![9]

De imediato, parece necessário elucidar este ver o mundo com o olhar do amor. Sem isto, este enunciado poderia provocar mal-entendidos ou uma equivocada compreensão acerca do que aqui está sendo proposto como chacteristicum de Francisco de Assis. Para que o

homem se aperceba, compreenda e se relacione com aquilo que o cerca, é necessário fundamentalmente que ele não seja uma hermética clausura, positivamente: que lhe seja própria uma fresta, através da qual tudo aquilo que reside fora dele possa ser objeto da sua constatação e do seu interesse. E o mais importante: que se estabeleça uma clareira entre ele e o dele diferente. Ordinariamente, porém, imagina-se como sendo o elemento central do ver o olho da face que, qual um dispositivo captor da realidade circunstante, recolheria no homem, em forma de imagens[10], tudo aquilo que objetualmente lhe é exterior... e nada mais. Esta compreensão é, apesar de sua difusão, demasiado difusa e não responde às questões mais elementares da própria experiência humana. Por exemplo: donde vem que, embora diante de uma só e mesma realidade, dela tenham os homens percepções diversas? E por que se relacionam os homens com singulares idênticos de forma tão plural? Diante desta multiplicidade perturbadora de possíveis abordagens do real, pergunta-se então: qual delas é a mais verdadeira, isto é, aquela que é mais adequada, que melhor reflete, mais precisamente espelha o objeto? Qual a mais objetiva e real? Haveria, acaso, um olho capaz de captar aquilo que a coisa é, em si mesma, sem as interferências das valorações, dos desejos, dos interesses[11]? Hoje, sabe-se que a pura objetividade não é apenas um postulado impossível, mas impostor. Há um inerradicável prévio ao olho, algo que derrama à nossa frente a luz, sob cuja claridade todas as coisas serão vistas, algo que dimensiona e direciona o ocular[12], focando-o, posicionando-o nesta ou naquela mirada, a partir de onde o olho verá isto ou aquilo. Este prévio é que produz a diversidade de óticas. Removê-lo não se pode, mas é possível retirá-lo da anonímia, desvendar seus interesses incógnitos, descortinar seus pressupostos silenciados ou simulados e declarar a sua proveniência. O que o olho vê é aquilo que se lhe mostra neste âmbito previamente estabelecido, no horizonte circunscrito da visão, na clareira ou claridade projetada pela luz do próprio olhar e nada mais[13]. Por isso aquilo que das coisas ajuizamos e os nomes que lhes emprestamos dizem mais sobre a qualidade do nosso próprio olhar do que algo próprio sobre as coisas, elas mesmas[14]. Afirmar, portanto, que a característica de Francisco de Assis era ver o mundo com o olhar do amor, não é classificá-lo na categoria dos contemplativos[15], menos ainda: elencá-lo entre os teóricos ou indexá-lo na classe dos estetas e poetas, mas a tentativa de espreitar e nomear a sua secreta intimidade, o fulcro vital, a partir de onde ele tudo via, com todos se relacionava e, no mundo, vivia... uma suave luz que, dele provindo, tudo banhava, fazendo com que cada coisa e todas elas aí emergissem, do âmbito de sua proximidade, como boas e belas e amáveis e irmãs.

3.- Os excluídos ou: ama teu irmão como amas a tua alma, cuida dele como da pupila dos teus olhos![16]

É suficientemente conhecida a afeição de Francisco pelos indefesos e pequenos, pelos deserdados e desvalidos. Com sincera bondade ele os procurava, sentia-se bem junto deles,

praticando com eles misericórdia[17]. E a impressão que nos fica de seus poucos escritos, das biografias e lendas que sobre ele teceu a alma dos que o amavam é de que seu apreço pelos renegados brotava de uma profunda e humilde cortesia para com todos e cada um[18]. Nada daquela comiseração, cuja filantropia é filáucia e falácia, cuja benemerência é argúcia e astúcia, cuja generosidade é mais solerte que solícita. Neste aspecto, esta é a grande atualidade de Francisco: os desprezados e excluídos não precisam de nossa miseração, mas de nosso respeito e reverência para com a sua sacralidade. Eles não são lugares para os exercícios de nossa piedade nem uma espécie de academia de musculação, para que nós, neles e às custas de sua penúria, nos tornemos mais virtuosos e santos. Ocupar-se com os excluídos não é ter deles pena nem olhá-los em condolência[19], mas devolver-lhes, no mundo[20], o lugar que lhes é próprio[21] e do qual foram expulsos. Para reconduzi-los até aí, talvez sim, fôssemos necessários: buscando, com eles, as causas nem sempre apenas externas de seu desânimo e sofrimento; recordando-lhes sempre a sua dignidade inviolável; destapando, com pertinácia e pertinência, os mecanismos e interesses que os deitam fora do mundo como se fossem dejetos; criando, com sabedoria e desvelado empenho, novos modelos de convivência em que também as criaturas não-humanas se sentissem no mundo como em sua casa[22]. Nesta lide Francisco ser-nos-á para sempre um mestre do pensar e do viver, pois nele, como em nenhum outro homem do cristianismo, foi-nos possível ver, devolvida e imersa no paraíso, a nossa humanidade e, assim, ao menos intuir onde se encontram os tortuosos e estreitos caminhos de retorno para lá donde nos sentimos, todos, como que deserdados filhos e filhas, excluídos e extraviados: a nossa casa[23]. Um novo começo, eis a lição de Assis, em que, com a docilidade das crianças e a sabedoria dos experimentados, reaprendêssemos a ver o mundo com um outro olhar, surpreendendo, em reverente admiração, a beleza misteriosa que em tudo reside: no céu como na terra, na lenha como na pedra, nas árvores e nos animais como nos homens. Francisco não é passado, mas o único futuro possível, caso não queiramos, um dia, estar, todos, excluídos... da vida[24].

NOTAS

1 *A pedido da redação. retomo aqui o pensamento central da conferência pronunciada por mim durante o Primeiro Capítulo Nacional da Família Franciscana [Brasília - outubro de 1994] e publicada, na íntegra, em Entre Memória e Utopia - Col. Centenário de Santa Clara/5, Cefepal, Petrópolis, 1994, p. 66-86. O interesse deste retorno ao que então foi dito e escrito é verificar a inter-relação do que lá apresentávamos como a utopia franciscana e a questão que tem ocupado notadamente a atenção da Igreja Católica desde a última Campanha da Fraternidade: os excluídos.*

2 *2ª Carta aos fiéis, 56.*

3 *Compreendamos bem: não se trata aqui de uma apoteose do mundo à maneira de Ludwig Feuerbach, embora muito tivéssemos ainda a aprender deste delicado pensador da essência*

do Cristianismo, mas, sim, de pensarmos a terra de uma forma mais radicalmente teológica, vale dizer: como o mistério do homem é Deus mesmo, assim o mistério da terra é o céu. Ou, numa versão antropológica: o que o corpo é para a alma e a alma para o corpo, é a terra para o céu e o céu para a terra. Em tempo: o termo mistério, entendo-o e aplico-o aqui como sacramento.

4 *Lamentavelmente a palavra fé é hoje, usualmente, entendida e empregada como um termo sinonímico de aceitação, concordância e recitação piedosa de enunciados religiosos e, com isto, bastante imprópria para verbalizar aquilo que quero dizer com a expressão "ver o mundo com o olhar da fé." Apesar dessa equivocidade, mantenho aqui o termo, que pode ser ainda útil, desde que entendamos que fé é, sobretudo e originariamente, um ver o mundo com o coração e sob as luzes do amor... entendida desta forma, a fé não é nem um saber deficitário [opinião] nem um saber onisciente; ela não tem acesso a um saber que se subtrai às ciências; ela não inventa nem efabula realidades, apenas vê aquilo que todos, também os infiéis, vêem, percebendo, porém, o que já não é mais visível aos olhos sensuais. O homem, por exemplo: na ótica da biologia, ele não é senão um complexo orgânico animal, mantido em atividade vital através de uma permanente circularidade de ações e reações físico-químicas. É claro que o homem é também isto, mas não só. Sob as luzes do amor e visto com o coração, o homem não é uma bio-massa, mas um ente misterioso, cujas raízes se estendem para dentro do mistério de Deus mesmo e meu irmão. É verdade: ubi caritas, ibi claritas [Hugo de São Vítor], "onde se olha o mundo com amor, lá tudo emerge em uma nova claridade". Observe-se ainda que aquilo que nossa tradição teológica dissecou e refletiu como três virtudes quase que autônomas, embora centrais, a saber: a fé, a esperança e a caridade [amor], é uma só e mesma realidade, três instantes [inconfuse] de um só e mesmo movimento [in separabiliter]: tudo aquilo que amamos, o amamos pela sua beleza [caridade]; mas desta beleza nos damos conta só lá, onde olhamos o mundo com um olhar capaz de ver para além do que aparece [fé], na frágil e firme convicção de que aquilo que entrevemos é confiável e verdadeiro [esperança]. Como na Trindade Santa, também aqui: nesta sagrada tríade... não há um antes nem um depois; não há fé sem amor nem amor sem esperança nem esperança sem fé.*

5 *Nada de edulcorado sentimentalismo? Trata-se de ver o mundo como Deus o vê e contemplar todas as coisas na sua origem, na sua essência, pelo lado de dentro: tudo é bom, quando reconduzido à sua última verdade, isto é, no paraíso... mas isto custa infinitamente mais que apenas um pouco de sensibilidade poética, comprovam-no a rigorosa ascética deste homem e a sua morte precoce. Entretanto, também não bastam a ascética e a boa vontade... é necessário um novo ser [Jo 3,7]. Não é pragmática, é uma nova ontologia! Verdadeiramente: recolhidos nos braços de um Infinito Amor, sentimo-nos irmãos de todos (pan-fraternidade), até mesmo dos diferentes [criaturas não-humanas]. Fora desta mística, toda admoestação de que devemos ser fraternos será apenas um imperativo moral, com o alcance típico de todo apelo ético... só produz mesmo algumas mudanças superficiais.*

6 *Exatamente isto que em Francisco de Assis era topia e presença, parece-me ser em nosso mundo [também na Igreja e na vida religiosa!] a maior utopia e o grande ausente: este contemplar o mundo e os homens com um outro olhar, o olhar da fé, da esperança e do amor, como se explicou acima [notas 5 e 6]. Antoine de Saint Exupéry, mundialmente conhecido por*

sua obra O Pequeno Príncipe, um poema sobre a sacralidade do amor humano, escrita entre 1939-1943 [justamente quando a Europa se encontrava no meio do pesadelo da Segunda Guerra Mundial, em que os mais sagrados valores humanos eram sacudidos como por um terremoto e violentados numa orgia de sangue], escrevia. nesta mesma época, a um general, seu amigo, um lamento tão lutuoso quanto verdadeiro: "Hoje estou profundamente triste, profundamente triste por minha geração, esvaziada de toda substância humana, que só conhece bares, matemática e carros de corrida como forma de espírito e vida, atrelada a um ativismo heróico, mas sem cor. E ninguém nada percebe! De toda minha alma: eu odeio esta época. Nela o homem morre de sede. Ah, senhor general, só há um problema, um único problema no mundo. E como devolver aos homens um sentido, uma inquietude de espírito, fazer orvalhar sobre eles algo como um canto gregoriano. Veja, não é possível viver de refrigeradores, de política, de balancetes e palavras cruzadas. Não é possível viver sem poesia, sem cores, sem amores. Dois bilhões de homens só escutam as máquinas, só compreendem as máquinas, e tornar-se-ão, um dia, também eles, máquinas. Os laços de amor que atam os homens de hoje às coisas e aos seres tornaram-se tão frouxos, que os homens já não percebem mais as ausências. Até a morada dos homens é apenas um amontoado de objetos... e a esposa e a religião e o partido. Não se pode ser nem mesmo infiel. De quem ser distante e a quem ser infiel, se não há proximidade e tudo é um deserto de homens?" - Precisamente, esta é a questão: como devolver aos homens um sentido, um novo olhar, uma mística, para que vejam mais que apenas objetos e façam mais que apenas contas? Como levá-los a uma outra perspectiva, para que vejam o mundo sub specie aeternitatis? Um outro olhar apenas... e a família franciscana teria contribuído substancialmente para uma transformação do mundo. E de uma tal mística que todos precisamos hoje, primeira e urgentemente... infinitamente mais do que de moralinas.

7 *Uma antiga sabedoria da tribo Dakota ensinava: "Tudo o que se move precisa, de quando em quando, aqui e ali, fazer paradas. O pássaro suspende o vôo num lugar para fazer o ninho, e num outro, para descansar. Um homem, caminhando, interrompe sua marcha quando quer. Assim Deus também parou. O sol, tão belo e brilhante, é um lugar onde Deus parou. Do mesmo modo a lua, as estrelas e os ventos. As árvores e os animais estão lá onde ele parou. Por isso nós paramos nestes lugares onde Deus parou, para aí pedir sua ajuda e sua bênção." - O que Deus tocou é belo e, junto das belezas saídas de suas mãos, podemos sentir a sua ajuda e receber as suas bênçãos. Não seria isto sacramento?*

8 *Talvez seja este o grande contributo que a família franciscana poderia dar tanto para o cristianismo como para a pós-modernidade: os gregos dissolveram o mistério do cosmos, demitizando-o e explicando, racionalmente, as regularidades de seu funcionamento e as vias de seu controle e instrumentalização; o judaísmo [originariamente uma religião do deserto, da aridez, do nomadismo, das fugas e das conquistas e, por isso mesmo, uma religião que jamais conseguiu contemplar com ternura e gratidão a terra e o universo] arrancou o sagrado do cosmos e plantou-o exclusivamente na história... o mundo foi desdivinizado, declarado como mundano e subordinado ao homem. Tais bens [e não podemos negar seus benefícios antropológicos!], herdados pelo cristianismo, encontraram aqui sua radicalização máxima: só a história é portadora do sagrado e só o humano, digno das hierofanias.*

Acontece, porém, que também a história está entregue aos homens, à sua liberdade e autonomia. Por isso, não tardou muito e o sagrado foi finalmente desterrado para as periferias do universo, para o término da história, transformando-se num ínfimo resquício escatológico, um algo de tão rarefeita transcendência que quase já não se difere mais de um absoluto nada. Foram-se os deuses, foram-se os anjos, foi-se Deus e ficamos nós, sós, terrivelmente apenas nós, numa atmosfera humana, demasiadamente humana... é um triste jardim, em que Deus já não passeia mais, à brisa da tarde [Gn 3,8]. Ainda que timidamente, coube a Francisco de Assis redescobrir, no interior do cristianismo, que ver e viver o caráter sagrado da vida e do cosmos não implica necessariamente num regresso à idolatria ou ao panteísmo. Tatanga Nani [Búfalo Andarilho], da tribo Stoney ensinava-nos da vastidão de seus oitenta e sete anos e da profundidade de sua mística cósmica: "Éramos um povo sem lei, mas nos dávamos muito bem com o Grande Espírito, criador e legislador de tudo. Vocês, brancos, diziam que éramos selvagens. Vocês não entendiam nossas preces. Nem procuravam entender. Quando cantávamos para o sol, a luz ou o vento, diziam que estávamos adorando ídolos. Sem nos compreender, condenavam-nos como almas perdidas, só porque nossa forma de adoração era diferente da de vocês. Víamos a obra do Grande Espírito em quase tudo: sol, lua, árvores, vento e montanhas. Às vezes nos aproximávamos dele através dessas coisas. Havia algum mal? Acho que temos uma crença verdadeira, pelo menos tão forte como a daqueles que nos chamam de pagãos. Vivendo junto à natureza e do seu criador, nós jamais vivemos na escuridão. Montanhas são sempre mais belas que edifícios de pedra, vocês sabem. Viver na cidade é uma existência artificial. Quantas pessoas jamais sentiram o solo real sob os pés, ou viram uma planta crescer a não ser nos vasos, ou jamais se afastaram o suficiente da iluminação urbana para surpreender o encanto de uma noite estrelada. Quando as pessoas vivem longe das paisagens criadas pelo Grande Espírito, logo acabam por esquecer também o Grande Espírito e as suas leis." - Quão bem não ficariam tais palavras nos lábios dos seguidores de Clara e Francisco e tal mística em sua vida! No ano 49/50 aconteceu o primeiro concílio da Igreja de Jesus Cristo, na cidade de Jerusalém; em pauta algumas poucas questões, das quais a mais grave era: como anunciar Jesus Cristo e sua mensagem a um mundo não judaico. E diante dos apóstolos, dois possíveis caminhos: ou continuar uma seita judaica, para sempre sitiada na aldeia religioso-cultural do judaísmo e do Oriente Médio; ou transgredir as fronteiras do mundo judaico, abrindo-se a novas paisagens culturais e religiosas, adotando novos símbolos, refundindo seus conceitos, recriando seus cultos, enfim, arriscando perder-se, dissolver-se, profanizar-se... era o preço a pagar para se transformar de uma seita palestina em uma religião católica e universal. Daquela feita, os apóstolos tiveram o destemor de optar pelo segundo caminho. Há iniludíveis indícios de que nos encontramos hoje frente a um desafio semelhante: ou o cristianismo se abre, mais uma vez, às diversidades culturais e à transcultura da pós-modernidade, ou ele permanecerá o que é, ainda hoje: um complexo religioso-cultural europeu-mediterrâneo, inassimilável e desimportante para o resto do mundo. Ao menos de uma abertura do cristianismo a uma religiosidade cósmica - que jamais é misticismo irracional e geófobo! - poderia a família franciscana ser cultivadora e anunciadora e advogada.

9 *Mt 6, 23b.*

10 *Vale dizer: reflexivamente [como em reflexos], ou especulativamente [como num speculum, espelho]...*

11 *A palavra* ***interesse*** *nos advém do compositum latinum* ***inter + esse*** *e diz, na sua literalidade: aquilo que está entre e ao fundo. Interesse é, assim, a ligadura [entre] e o sustentáculo [fundo] de tudo aquilo que somos e temos e fazemos... o silenciado e anônimo que ordena as parcialidades da vida, coordenando-as numa totalidade de sentido.*

12 *Com acerto dizia Tomás de Aquino: ubi amor, ibi oculus [In: III Sent. d. 35, q.1, a. 2): onde está aquilo que amamos, para lá se volta também o nosso olhar...*

13 *Mais uma vez, contra a compreensão ordinária: o olhar humano jamais é uma câmera, nem o homem um estúdio fotográfico, no qual a coisa [res] se adentraria para desvelar-se a ele, sob os canhões de todas as luzes, na nudez de sua privacidade [realidade]. As coisas, elas mesmas e todas (!) elas, em si mesmas, são muito mais sóbrias e discretas do que desejariam alguns olhares... devassos. A derradeira intimidade de tudo aquilo que nos cerca é um interdito, em duplo sentido: ser-nos-á manifesto [dito] sempre à meia-luz [inter] e nada mais além disso [interdito]... como sob a umbrátil luz de uma câmara nupcial: um dar-se que, em recato, se retrai e, nesta misteriosa retração, inesgotavelmente nos fascina. Esta questão que, em todos os tempos, sempre ocupou a atenção do pensar, Tomás de Aquino a condensou na frase: Cognita sunt in congnoscente secundum rnodum cognoscentis [Summa Theologica II/II q.1, a. 2, resp.] e poderíamos acrescentar: namquam*
secundum Tei proprium. Frente ao Sagrado, o pensar conseguiu, quase sempre, manter um certo pudor e reverência, pronunciando, com muita freqüência, os limites de suas possibilidades de compreensão. Com mordaz precisão, assim se expressava sobre isto Cirilo de Jerusalém: Dicirnus enim non quantum oportet de Deo, sed quantum capit natura humana et quantum imbecillitas nostra ferre potest... circa Deum enim magna cognitio est ignorantiam confiteri [Ench. Patr., Herder, 19?9, p. 259]. Em referência às demais realidades [coisas, seres e homem], porém, cedemos, não raro. às seduções de uma pretensa apropriação definitiva da sua verdade. Ora, também as coisas, todas elas, possuem sua insondabilidade e são, aí, inefáveis.

14 *Com freqüência, denuncia Jesus Cristo o vínculo íntimo e essencial que há entre o ver e o ser. Dependendo do quantum e da qualitas da luz que sobre as coisas projetamos, assim também as veremos. Destarte, por mais objetivos que queiramos ou devêssemos ser: haverá sempre, em todos os nossos juízos e relações para com aquilo que nos cerca, um resíduo indelével de nosso próprio ser. E isto o sabemos de nossa própria vida: quando estamos tristes, por exemplo, é como se um sombrio véu se interpusesse entre o mundo e o nosso olhar... o sol se ergue todas as manhãs, como sempre, inundando o mundo de vitalidade, mas nós nada vemos senão trevas e os pássaros cantam, saudando um novo dia, mas não os ouvimos e as flores florescem, ornando de cores e fragrâncias a terra, mas nem as percebemos. Assim, o homem vê não porque tem olhos, mesmo porque é possível que alguém tenha olhos e não veja [Mt 13,13; Mc 8,18; Jo 9,41]. Antes: a natureza o dotou de olhos, porque ele é, essencialmente, um visionário, isto é: um ser capaz de ver com o coração, de criar mundos nunca vistos, construir realidades jamais ocultadas, amar o que os olhos nunca percorreram e encantar-se pelo apenas vislumbrado. Quando, porém, isto não se verifica, é como se o homem fosse*

apenas escuridão e, com ele, também o mundo. Na linguagem plástica que lhe era tão típica, assim propunha Jesus esta ontologia do olhar: "A lâmpada do corpo é o olho. Se pois o teu olho está são, teu corpo inteiro estará na luz. Mas se o teu olho está doente, teu corpo inteiro estará nas trevas. (...) Se pois a luz que há em ti são trevas, quão espessas não serão as próprias trevas" [Mt 6,22-23]; ou, na variante apócrifa: "Havendo no homem, em seu íntimo, luz, ele ilumina todo o mundo, e se ele não ilumina, tudo são trevas" [Evangelium Thomae Copticum, 24].

15 *Entendendo aqui, como usualmente se faz, por contemplativos: aqueles que, geograficamente, se recolhem nalgum recanto do mundo, para que, nas distâncias do mundano [vales e baixuras] e absortos no transmundo [montanhas e templum], possam surpreender mais que os encantos: os segredos do mundo.*

16 *Evangelium Thomae Copticum, 25.*

17 *Das palavras introdutórias do Testamento de Francisco.*

18 *É provável que no nascedouro desta reverência tão típica de Francisco para com todas as criaturas, as desprezadas sobretudo, esteja a sua experiência crítica. Em Jesus, ter-lhe-ia ficado claro: também os que nascem ao relento e na tribulação e morrem no repúdio e na indigência trazem e guardam em si uma velada sacralidade.*

19 *Uma moral da compaixão, assim como a propuseram A. Schopenhauer e A. Schweitzer, parece-me, apesar da nobreza e lisura de seus sentimentos, ainda e por demais centrada no homem [ou nalguns deles!], como se este fosse do mundo proprietário ou despenseiro. Talvez pudéssemos, também aqui, aprender daqueles que, do alto das erudições e finezas de nossa cultura, consideramos rudes e iletrados: Francisco de Assis e outros mais. Dos índios Sioux conta-se que. ao final do inverno, quando suas reservas de grãos já não bastavam mais para mantê-los em vida, eles saíam à caça das tocas de uma espécie de pequenos ratos das estepes. Ali estes minúsculos seres haviam depositado suas provisões alimentares para sobreviver, também eles, ao longo inverno das pradarias. Achada uma toca, os índios rezavam e, dirigindo-se ao rato que ali hibernava, diziam: "Tu, que és sagrado, compreende-me e ajuda-me, eu te peço. És pequeno, mas grande o bastante para teres teu lugar no mundo. És frágil, mas forte o suficiente para trabalhares tanto, pois poderes sagrados te fortalecem. És também sábio, pois a sagrada sabedoria iluminou também a ti. Que também nós sejamos sábios em nosso coração, pois, enquanto habitar em nós a sabedoria sagrada, esta nossa vida nunca será apenas trevas. Perdoa-nos..." Só então os índios retiravam da toca os grãos ali encontrados, colocando, em troca, pequenos pedaços de toucinho e outros alimentos, para que também aqueles pequenos seres vivessem.*

20 *Social e religioso!*

21 *Seria permitido dizer aqui: de direito divino?*

22 *Há de ser lícito, ao menos, perguntar: seria ainda divino, também em nossos dias, o mandato escriturístico "crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e dominá-a" [Gn 1,28], mesmo hoje, quando sabemos com inequívoca clareza que a terra é um espaço finito e de recursos limitados e que uma infindável proliferação da raça humana acarretará inevitavelmente a invasão do espaço [biotopos] de outras espécies e a apossadura dos bens necessários à sua sobrevivência, significando o seu extermínio?*

[23] *Mt 7,13-14: Nada de céu, por enquanto. Apenas um caminho que, seguramente, nos conduzirá aqui mesmo, nesta terra, às vezes tão amável, às vezes tão insuportável, a uma vida que mereça tal nome!*

[24] *Em 1856, num discurso que se tornou célebre por sua fineza humana e clarividência profética, Seattle, o grande chefe da tribo dos Dwamish, dirigindo-se a Isaac Stevens, governador do território de Washington, advetia-nos: "Continuai a contaminar vossa cama [a terra] e vos sufocareis uma noite, no meio de vossos próprios excrementos... Quando os búfalos estiverem exterminados, todos, os cavalos selvagens domesticados, os secretos recantos das florestas carregados do odor de muitos homens, a visão das colinas violada por fios falantes... onde estará o matagal? Foi-se! Onde a águia? Foi-se! Será o fim do viver e o começo do sobreviver."*

8.5. Roteiro Para Avaliação

ESTAGIÁRIA: _____

TEMPO DE PERMANÊNCIA: _____ CASA: _____

I - DA PREPARAÇÃO

1. Tempo utilizado (bom, pouco, suficiente, reuniões...)
2. Conteúdo (reuniões, textos formativos, informações, palestra...)
3. Infra-estrutura - antes e durante (boa, suficiente, falha...)

II - DA EXECUÇÃO

1. Rotina da FE
   a) oração e espiritualidade
   b) trabalho
   c) refeitório
   d) lazer
   e) cartas
2. Perfil dos internos
   a) proveniência
   b) histórico
   c) características marcantes
3. Convivência da Estagiária
   a) recepção
   b) entrosamento
   c) principais dificuldades
   d) facilitadores

III - CONCLUSÕES PESSOAIS

1. Experiência diária (algo a relatar)
2. O que foi observado

IV - CONCLUSÕES FINAIS

1. Tempo da experiência (exagerado, bom, suficiente, pouco...)
2. Relevância do projeto deste porte/nível para os universitários
3. O grupo
4. O que melhorar para a próxima edição
5. Sugestões/Propostas

IMPRESSO NO DEPARTAMENTO GRÁFICO
DA UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

CÂMPUS DE BRAGANÇA PAULISTA
Av. São Francisco de Assis, 218 - CEP 12.900-000